
Adolescência em cena: jovens no teatro*

ANELISE MARIATH RECHIA**

Inicialmente, antes de entrar na questão específica do adolescente e o teatro, pretendo estabelecer algumas conexões entre dramatizar, criar, brincar, teatro e o nosso funcionamento mental. Quem sabe possa ainda incluir nessa série, o sonho, as fantasias e os devaneios. Todas são atividades da mente humana, que dão certa forma aos conteúdos do nosso inconsciente, conteúdos esses que, justamente por terem sido relegados a esse “espaço”, do qual não podem sair de “cara limpa”, ficam tentando encontrar formas de manifestação, de expressão. Como um balão que estoura se a pressão interna aumentar demais, essa parte de nós também precisa encontrar “saídas”. O sonho, a fantasia e o devaneio atendem a essa necessidade, como válvulas de escape, mas são atividades mais solitárias, não tem um impacto sobre a realidade externa. São formas de comunicação interna, que não visam primariamente a comunicação com o outro, ainda que no tratamento de orientação analítica possa ser uma importante via de acesso.

Entretanto, as atividades de dramatizar, criar, brincar, enfim, o teatro, implicam em tentativas de tradução da fantasia em realidade, ligadas à capacidade de imaginação, perceptíveis ao espectador e, por esse motivo, uma via de comunicação com o exterior. Essa via atende também à outras necessidades.

Como diz Antônio Quinet (2009):

Teatro e psicanálise lidam com o mesmo material: os conflitos e a divisão do sujeito com suas questões sobre a existência, o sexo, a morte, a dor, a criação e a relação com o outro. O ego as rejeita, não quer saber, mas elas não o largam, insistem no inconsciente, produzindo sintomas, sofrimentos e enigmas. O teatro leva no real da cena as verdades censuradas no inconsciente. (pág. 184).

Ressalto nessa exposição os conteúdos inconscientes porque, ainda que os conflitos e problemas dos quais temos consciência também ocupem nosso espaço mental, eles podem transitar pela via do pensamento e não possuem o potencial patogênico que aquilo que fica isolado pode ter.

* Trabalho apresentado no Ciranda Cultural no CEAPIA – Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência - em abril de 2015.

** Psicóloga, Especialista em Psicoterapia da Infância e Adolescência, professora e supervisora do CEAPIA, Membro do CEP de PA – Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre.

Além desses aspectos, há a questão do ficcional presente na criação artística, no teatro. Em *Escritores criativos e devaneios* (1907), Freud refere que para o escritor criativo a ficção é uma técnica fundamental no trabalho de criação. Algumas situações ou assuntos, quando são confrontados na realidade, muitas vezes são insuportáveis, causam extremo desprazer e angústia. Contudo, esses mesmos assuntos, quando lidos ou dramatizados no teatro, podem emocionar e serem fonte de satisfação para o leitor ou para o espectador.

No brincar da criança pequena não é diferente. Ela cria um mundo de fantasia, que é levado muito a sério, uma ficção, na qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre brincar e realidade. Nela, a criança pode criar um mundo próprio e/ou reorganizar os elementos do seu mundo de uma forma que a agrade mais. Investe nos brinquedos e encontra satisfação ao ligar seus objetos e situações imaginadas à coisas visíveis e concretas do mundo real. Pensando em termos de desenvolvimento, o brincar da criança pequena é uma atividade fundamental, sendo a possibilidade que a mesma tem de brincar e a maneira como brinca, uma das formas pelas quais podemos avaliar sua saúde mental. Essa atividade infantil é fundamental como fonte de expressão, representação e na melhor das hipóteses de elaboração de conflitos psíquicos.

E o adolescente? Bem, sabemos que a adolescência tem uma enorme exigência de trabalho psíquico. Não vou me ater em toda a demanda psíquica dessa etapa, mas não tem como falarmos de adolescente sem levarmos em consideração o que acontece nessa fase da vida. Todos passamos por ela, começando pela série de mudanças fisiológicas que chegam sem pedir licença e vão se instalando no corpo. Despertam no psíquico sensações com as quais o adolescente tem que lidar, fazendo uma conciliação entre o mundo interno e o externo. Tudo isso confrontado com o olhar do outro, o qual também denuncia a mudança e avisa: “você não é mais o mesmo”! É uma experiência inédita de mudança, num curtíssimo espaço de tempo. Reverter a nosso favor tamanha transformação sofrida na passividade, se apropriando subjetivamente do corpo, do psiquismo, da identidade e da própria história, sem perder o fio da sensação de continuidade de si mesmo, não é um desafio nada fácil. Além disso e não menos importante, estão presentes todas as questões de definição da sexualidade, de escolhas profissionais, num período em que se faz necessário abrir mão dos pais da infância! Sim, é preciso deixar aqueles que todos nós acreditamos um dia que sabiam tudo e tudo podiam resolver, para se deparar com dúvidas e incertezas que afinal fazem parte da vida.

Bem, mas é possível sobreviver e nada é tão dramático que não se possa contar com alguns recursos para auxiliar a administrar tanta demanda. Nesse sentido, é muito importante que o adolescente encontre caminhos para aliviar suas angústias internas, espaços onde possa compartilhar suas ansiedades. Dependendo da situação e das inclinações de cada um, o grupo de teatro, o representar, o personagem representado, etc., podem ser vistos como espaços

para esse momento de grandes e intensas transformações. Em outras circunstâncias, pode se fazer necessário um espaço de compartilhamento mais privado, como o do tratamento pessoal.

Retomando a proposta do Ciranda Cultural “Adolescência em cena: Jovens no teatro”, penso essa atividade como uma extensão do “brincar de faz de conta” das crianças pequenas, que pode servir também à outras necessidades mencionadas antes, onde o “era uma vez...” dos enredos do teatro podem criar condições que permitam que o adolescente possa proteger-se das próprias experiências, conflitos e sentimentos. No artigo “O teatro, a psicanálise e a peste”, Julio Conte (1994), psicanalista, ator e diretor teatral, refere que a representação no teatro não age diretamente sobre o que está reprimido, mas através de um desvio da atenção, o qual se origina do processo de identificação com o personagem. Assim, o que se passa com o intérprete, acontece também com o ator ou com o espectador. Este “especta a dor” do personagem e assim pode tornar a sua suportável. É possível que a dor do outro seja experimentada como dor do outro, mesmo quando ela for minha também. Quem vive a cena é o personagem que está sendo representado. Isso pode fazer com que a percepção consciente de que o outro é que está sofrendo no palco, que está correndo os riscos, e provoque um certo alívio. Conte (1994) diz que a continuidade e o prazer pela cena teatral só pode se dar na medida em que se tenha uma garantia: o que se passa no palco não é de verdade. Como se viu antes, a ficção necessita do estatuto da negação para que o ficcional possa ser experimentado como realidade. O autor refere que o ator faz uma espécie de divisão do seu eu, quando representa: por um lado ele se reconhece como um ator, que está representando um papel. Por outro, precisa recusar esse fato para entrar no personagem e desempenhar com mais realismo sua arte. Do mesmo modo, o espectador, por um lado reconhece a ficção como se fosse realidade e recusa a percepção que está num teatro. Ao mesmo tempo, reconhece estar num espetáculo, assumindo a realidade como se fosse ficcional. Aqui, as relações de causa e efeito não são o essencial, muito menos necessitam de um efeito prático. É um espaço virtual do pensamento, da emoção de pessoas que experimentam inúmeros afetos e que, representando um papel ou assistindo um espetáculo, tem uma participação ativa na medida em que a atribuição de sentido é única e pessoal.

Voltando ao adolescente, ao imaginar e brincar, acredito que a imaginação na adolescência é a sucessora do brincar infantil. Isso se torna evidente nas atividades de teatro com pré-adolescentes e adolescentes, onde se passa algo similar à brincadeira de faz de conta, ao jogo simbólico. O prazer deles em relação à interpretação de personagens parece ser um misto de brincar, relacionar-se com o outro, construir sua identidade, expressar-se afetivamente e agir criativamente. Nesse espaço podem expressar sua rica vida emocional, seus impulsos, bem como direcioná-los e modulá-los, auxiliando a transformar em fantasias representáveis, o conteúdo do inconsciente, abrindo dimensões

imaginárias. Esses benefícios estimulam as representações conscientes, podendo diminuir a nocividade das pulsões e do conteúdo inconsciente.

Na adolescência, a imaginação passa cada vez mais a utilizar-se das palavras, em lugar do predomínio de imagens, o qual é muito mais presente nas fases anteriores pela precariedade de palavras. Assim, o teatro também pode ser usado pelo adolescente como um meio de produção de sentido das palavras e formação de conceitos. Penso que é importante proporcionar para os jovens momentos para imaginar e criar situações, viagens, lugares, tempos, personagens e ainda, reproduzir suas criações de forma verbal e corporal, articulando essa movimentação no espaço com a interação em grupo. Uma área intermediária para “ventilação” de conflitos psíquicos, possibilitando que entre em contato com seus afetos mais assustadores e monstruosos e, ao mesmo tempo, mantenha o necessário distanciamento para examiná-los através de representações intermediárias.

Referências

- Conte, J. (1994). A peste, a psicanálise e o teatro. *Revista Percurso*, 13, 47-52.
- Freud, S. (1976). Escritores criativos e devaneios. *Edição standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. IX pp.149-158). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907/1908).
- Quinet, A. (2009). *Ódipous, o inconsciente em cena*. [Online] <http://www.uva.br/trivium/edicao1/pesquisa/2-oidipous-o-inconsciente-em-cena.pdf> [2015, 2 de abril].